

# O jogador generoso

**Charles Baudelaire**

Ontem, entre a multidão do bulevar, percebi que alguém me tocava no braço. Adivinhei logo. Era aquele ser misterioso que eu sempre desejara conhecer. E, embora ele também jamais me houvesse visto, senti que devia ter o mesmo desejo meu, pois me dirigiu um piscar de olho bastante expressivo, ao qual me apressei a obedecer. Segui-o atentamente e, mais que depressa, em sua companhia, desci para uma residência subterrânea, onde havia tamanha pompa, tanto luxo, que deixava longe as mais ricas mansões parisienses que lhe ficavam por cima. Pareceu-me estranho, na verdade, eu ter passado tantas vezes próximo dessa mágica fumaça, sem nunca lhe ter adivinhado a entrada.

Havia, lá dentro, um ar esquisito que, embora me subisse à cabeça, fazia-me olvidar quase logo todos os aborrecimentos da vida; ali se respirava uma beatitude melancólica, semelhante àquela que devem experimentar os comedores de lótus, quando, ao desembarcar numa ilha encantada, onde reluziam os esplendores de um eterno crepúsculo, ao som de melodiosas cascatas, ao som que concilia o sono, sentiam brotar em suas almas o desejo de jamais reverem os seus lares, as suas esposas, os seus filhos, e de nunca mais se deixarem embalar pelas ondas do mar.

Havia, ali, certos estranhos rostos de homens e de mulheres, marcados por fatal beleza: estranhas caras, que me davam a impressão de já havê-las visto em épocas e regiões de que me era impossível recordar com exactidão, que me inspiravam fraternal simpatia, ou melhor, aquela espécie de medo que o desconhecido nos infiltra no coração. Caso tentasse descrever, de qualquer maneira, a estranha expressão dos seus olhares, diria que nunca tinha visto olhos que tão energicamente demonstrassem o brilho que reflecte o tédio em todo o seu horror e o imortal anseio de sentir a vida palpitar, de viver!

Eu e meu anfitrião já nos sentíamos como velhos e verdadeiros amigos. Ceámos juntos, e excedemo-nos no copo, pois bebemos toda a sorte de vinhos extraordinários, mas, depois de um certo tempo, pareceu-me que estava menos bêbado que ele.

O jogo, entretanto, esse prazer sobre-humano, havia, repetidas vezes, interrompido as nossas frequentes libações, e devo confessar que eu jogara e perdera a minha própria alma, com um desdém e uma leviandade deveras heróicos. A alma é uma coisa impalpável, frequentemente tão inútil e quase sempre importuna. Experimentei, por isso, quanto a essa perda, muito menos emoção do que se houvesse perdido o meu cartão de visita, num passeio qualquer.

Fumámos longamente alguns charutos, cujo sabor e incomparável aroma me incutiam na alma a nostalgia de países e de felicidades desconhecidas e, ébrio de todas essas delícias, ousei, num

momento de familiaridade, que me pareceu não lhe desagradar, gritar, levantando uma taça cheia a transbordar:

– À tua imortal saúde, velho Cabrão!

Charlamos sobre o universo, da sua origem e da sua futura destruição, das grandes ideias do século, do progresso, isto é, da perfectibilidade e, em geral, de todas as formas da loucura humana. A este propósito, Sua Alteza entregava-se a gracejos leves e desculpáveis e exprimia-se com tamanha suavidade de dicção e calma de chocarrice que nunca mais encontrei em ninguém nem mesmo nos mais famosos palradores da humanidade.

Fêz-me observar o absurdo de todas as filosofias, que, desde priscas eras, haviam tomado conta do cérebro humano, e dignou-se murmurar-me ao ouvido certos princípios, de cujos benefícios e propriedade não me convém partilhar com ninguém. Não se queixou de modo algum da péssima reputação que gozava no mundo todo; assegurou-me, até, que ele era a pessoa que maior interesse tinha na queda das superstições e confessou-me nunca ter tido receio, a não ser uma vez, em que ouvira um pregador, mais atilado que seus colegas, gritar, lá do alto do púlpito:

– Meus caros irmãos, não olvidem nunca, quando ouvirem louvar o progresso, que a mais bela astúcia do demo é a de persuadi-los de que não existe!

A lembrança daquele orador valeu para, como é natural, levarmos a conversa sobre academias, e o meu singular conviva afirmou-me que não desdenhava, de modo algum, em muitos casos, inspirar a pena, a palavra, a consciência dos pedagogos, e que era useiro e vezeiro em assistir, quase sempre pessoalmente, embora invisível, a todas as sessões académicas.

Encorajado diante de tamanha bondade, pedi-lhe notícias de Deus; perguntei-lhe se fazia muito tempo que o vira. Respondeu-me, com alguma displicência, onde se notava um quê de tristeza:

– Sempre nos cumprimentamos, quando nos encontramos, mas, apenas como dois velhos fidalgos, cuja educação não saberia esquecer completamente a lembrança de velhos rancores...

É incerto que Sua Alteza já tenha concedido a alguém, a um simples mortal, tão longa audiência, e eu receava abusar da concessão.

Finalmente, quando a gélida madrugada principiava a embranquecer as vidraças, aquela célebre personagem, cantado por tantos poetas e servido por tantos filósofos, que trabalham pela sua glória, embora sem sabê-lo, disse-me:

– Quero que guarde de mim boa impressão e provar-lhe que eu, de quem se diz tanto mal, sou, às vezes, um bom diabo, para servir-me de uma de suas vulgares locuções; a fim de compensá-lo da perda irremediável que sofreu, da sua alma, quero dar-lhe o prémio que o senhor teria ganho, se a sorte tivesse estado consigo: o poder, ou seja, a força de derrotar, durante toda a sua vida, essa bizarra enfermidade que é o tédio, fonte de todos os seus males e de todos os seus miseráveis planos. Jamais nascerá em si um desejo que eu não ajude a concretizar, e o senhor reinará sobre os

seus vulgares semelhantes. O senhor será adulado, adorado; a prata, o ouro, os diamantes, os palácios encantados, virão à sua procura e lhe suplicarão para que os aceite, sem ser necessário despende esforço algum para isso. Mudará de pátria ou de cidade com frequência, assim que a fantasia lho ordenar; saciar-se-á de volúpia, sem fatigar-se, em terras onde tudo é encantador e o ar é tépido e as mulheres exalam perfumes tais como as flores etc., acrescentou ele, levantando-se e despedindo-se de mim, com um sorriso repleto de bondade.

Se não fora pelo temor de humilhar-me perante uma assembleia tão grande, eu teria caído prazerosamente aos pés daquele generoso jogador, somente para agradecer-lhe a inaudita munificência. Mas, a pouco e pouco, depois que me retirei, a incurável dúvida me penetrou no coração; não mais me atrevi a crer em tão prodigiosa felicidade e, ao deitar-me, preso a um tolo e velho hábito, ao fazer minhas preces, repetia, entre o sono de verdade e o cochilar:

– Meu Deus! Senhor, meu Deus! Fazei com que o diabo não me falte com a promessa!

*Digitalizado de Obras primas do conto fantástico, Livraria Martins Fontes editora*

*Leia mais contos na secção Biblioteca do Esquerda.net*